

A ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA EM ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

Maria de Lourdes Sirgado Ganho

Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
(351) 217 214 000| info@reitoria.ucp.pt

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre o conceito de antropologia filosófica na obra de António Braz Teixeira.

Palavras-chave: Filosofia, antropologia, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will discuss the concept of philosophical anthropology in the work of António Braz Teixeira.

Key words: Philosophy, anthropology, António Braz Teixeira

A minha comunicação vai centrar-se, fundamentalmente, em dois textos de António Braz Teixeira, que fazem parte da sua obra *Sentido e valor do direito. Introdução à filosofia jurídica*. E porque de filosofia do direito se trata, começa, didaticamente, a obra com uma clarificação acerca do que entende por filosofia.

Nesse sentido, no capítulo I – A filosofia como problema, apresenta-nos o seu inequívoco amor ao saber, ou, se quisermos, a sua concepção de filosofia como um interrogar essencial e como refere: “um processo, uma atividade permanente de interrogação sobre o próprio saber, seu valor e fundamentos”¹. Este interrogar acerca de si mesmo aponta para aquilo que ela própria é: um saber, como nos diz “problemático” e “não solucionante”. Entenda-se, de imediato, a inequívoca diferenciação relativamente ao saber científico e à sua concepção de progresso (Cf. *Idem, Op. cit.*, p.16).

Progresso em filosofia? E o pensador, na sua reflexão, considera que este não pode ser compreendido à maneira da ciência, mas antes, se por progresso entendermos, como menciona: “descoberta de novos campos de reflexão”, então podemos aceitar filosoficamente este conceito e aplicá-lo à filosofia. Progresso no sentido daquilo que se foi adquirindo, pacientemente, ao longo da tradição filosófica: abertura a novas visões do mundo, novas metodologias, como por exemplo “constituição da axiologia” ou, mesmo, valorização da “Filosofia Hermenêutica” (*Idem, Op. cit.*, p.18).

Verdadeiramente, menciona em filigrana em que consiste a filosofia. Mas uma interrogação emerge: será que está a apontar para o que considera ser a sua essência? A filosofia é, no seu entender, eminentemente reflexiva e especulativa, é um olhar em “espelho” sobre si e sobre o mundo, um re-fletir que, como refere, é um “voltar para trás”, porque no seu interrogar, à maneira platónica e mesmo agostiniana, faz um longo percurso, que não é direto, mas em que se avança e se recua, correspondendo esse recuo, estratégico, a um impulso para melhor se assegurar do percurso que vai sendo feito. Trata-se de fazer um longo caminho, em espiral, feito de um perguntar essencial e orientado, esperando a resposta, por vezes obscura, mas que a cada passo mais se aclara, pois o caminho do perguntar como que se ilumina, ou é iluminado.

Caminho que não se faz sozinho, mas acompanhado, em diálogo, como refere, da alma consigo mesma, bem como no encontro pressuposto com outras almas verídicas. E interroga-se: será que é possível ensinar filosofia e ensinar a filosofar? Do seu ponto

¹ Teixeira, António Braz, *Sentido e valor do direito. Introdução à filosofia jurídica*, Lisboa, INCM, 2010, p. 16.

de vista tal não é possível, e logo pensamos no seu mestre José Marinho, assim como no grande mestre Santo Agostinho. Acerca do ensinar e aprender diz-nos Agostinho na sua obra *O Mestre*: o mestre exterior, o professor, verdadeiramente não ensina, mas há que ensinar. O mesmo pensa, em meu entender, António Braz Teixeira que, não sendo um filósofo da interioridade, reconhece nessa mesma interioridade uma estimável riqueza. Diz-nos o Bispo de Hipona: “Ora, depois de terem (os professores) explicado por palavras todas estas doutrinas, que declaram ensinar, incluindo a da virtude e a da sapiência, então, aqueles que são chamados discípulos consideram consigo mesmos se se disseram coisas verdadeiras e fazem-no contemplando, na medida das próprias forças, aquela verdade interior, de que falámos. É então que aprendem”². Encontramo-nos perante uma das formas da consciência reflexiva se manifestar.

E não resisto à seguinte interrogação: até que ponto António Braz Teixeira adere a esta via de interioridade? À sedução do pensamento agostiniano penso que sim, mas até que ponto a adesão? Claro, esta interrogação não é ingénuo nem por acaso, está sustentada por um diálogo que temos vindo a construir. Porém, pode dar-se o caso de, pela minha parte, ter de recuar e perguntar, será antes em Platão e no seu socrático filosofar que António Braz Teixeira se reflete, quando se posiciona frente à questão matricial, original?

No texto refere: “só filosofando se aprende a filosofar”, pode ter apoios, sugestões, mas é um percurso que aquele que é, verdadeiramente, filósofo vai estruturando, pacientemente, na demora, *chisà* contemplando e desse modo o re-fletir é também um despertar. Ora, este despertar pode dar-se a diferentes níveis: interrogando acerca do mundo, acerca de si mesmo e do homem em geral, bem como acerca do que nos transcende e podemos nomear como Deus³.

Deste modo nos vamos acercando da antropologia filosófica, mediante a ontologia. António Braz Teixeira refere Gabriel Marcel e a sua noção de “mistério ontológico”, que assinala uma preocupação relativamente à compreensão da realidade marcada por uma interrogação fundamental e seu desdobramento em outras interrogações: quem sou eu? Qual a minha origem, a minha essência, o mesmo destino? Deste modo pergunta: qual o “sentido da sua vida” (Idem, *Op. cit.*, p. 20)?

É este interrogar que nos conduz para a compreensão do homem na sua relação com o mundo e com Deus, inscrevendo-o como ser no Ser, interrogando para um desvelar do

² Agostinho, Santo, *O mestre*, Porto, Porto Ed., 1995, p. 97-98.

³ Cf. Teixeira, António Braz, *Op. cit.*, p. 20.

mistério ontológico, que está inscrito no coração do mundo e do homem, de tal modo que só sondando é possível captar numa linguagem indireta, exercendo uma reflexão segunda, nas palavras de Gabriel Marcel em que razão e coração se encontram no limite do ser como mistério, residindo aqui, como menciona: “a primeira de todas as interrogações, a que se refere à *origem do ser* ou de tudo quanto existe ou para nós existe ou se manifesta” (Idem, *Op. cit.*, p. 21).

Será que todas estas interrogações poderão ter uma resposta? Todo aquele que é filósofo sabe que não, apenas nos aproximamos do “mistério de ser”, porque, como menciona a “perplexidade” não desaparece. Nos gregos a perplexidade está aliada à aporia e este termo também faz o seu caminho e chega a António Braz Teixeira, como o próprio refere, através de Nicolai Hartmann e Delfim Santos, como autores contemporâneos para quem o aporético é um conceito fundamental. Claro que este termo, aporia, é aristotélico (Cf. Idem, *Op. cit.*, p. 26).

Na sua dupla esteira (filosofia grega e filosofia portuguesa) o pensador também adere a este conceito interpelador, na medida em que este conceito mostra a inequívoca irreduzibilidade do pensamento e da realidade, que assinala um limite à razão. Nesse sentido faz referência ao “irracional por excesso” de Leonardo Coimbra, mostrando um para lá da razão que permite a elevação espiritual do homem e lhe confere um sentido superior.

Apresentamos, neste sentido, uma das conclusões deste seu capítulo: “A filosofia é, de sua natureza, interrogativa, problemática e aporética” (Idem, *Op. cit.*, p. 29).

Antropologia Situada

Sendo a filosofia um interrogar fundamental, quem interroga é, como nos diz: “sempre o homem”. Com efeito, este interroga-se acerca do ser, mas também sobre si mesmo, daí a seguinte referência: “origem e destino, sobre o valor e sentido da sua vida e do seu agir” (Idem, *Op. cit.*, p. 30).

Mas este homem que se interroga é um ser de relação, é um ser situado, pelo que , o filosofar e o filósofo têm de ter em atenção a noção de situação. Para António Braz Teixeira o pensar é em situação, e tal consideração implica pensar a condição humana como a situação do homem no mundo, de tal modo que há que valorizar uma filosofia do concreto, que articula universal e particular. Nesse sentido, afirma o pensador em apreço: “Atividade humana, a Filosofia é, como o próprio homem, ser do tempo, radicada e dinâmica, interrogação permanente a partir de uma situação concreta, de

uma “circunstância” definida, está indissolúvelmente ligada a uma língua, a uma tradição, é um movimento espiritual num espaço-tempo que não é homogéneo e uniforme mas múltiplo e diverso como o ser individual de cada filósofo” (Idem, *Op. cit.*, p. 31).

Temos aqui identificada a âncora do seu pensamento: um pensar situado, uma antropologia situada que reenvia para o espaço e o tempo de ser-se português, em que o pensar está “condicionado” pela língua em que se pensa (Cf. Idem, *Op. cit.*, 31). Portanto, há que perguntar pelo valor e sentido da circunstância, onde o interrogar quem sou eu? adquire uma tonalidade própria do ser-se, neste caso concreto, português. O pensar e o falar em português fazem parte da situação concreta do homem. De facto, há que partir do homem situado, concreto, que atua na existência com o peso da sua circunstância a que não pode escapar, sob pena de cortar na carne da situação, objetivá-la, de algum modo, torná-la outra de si mesma.

Chegámos assim até ao homem português, problemática tão querida a António Braz Teixeira. Ora, este interrogar situado, acerca do homem português, possibilita tratar de um modo teórico o problema da saudade, em que esta começando por ser um sentimento, funciona como um pré-reflexivo que trás consigo, em potência, a reflexão e, por conseguinte, uma problematização filosófica do próprio sentimento de saudade, elevando-a a conceito. Esta foi uma das suas tarefas filosóficas e recordamos a organização da obra, em parceria com Afonso Botelho, *Filosofia da Saudade*, assim como a sua própria reflexão, como na obra intitulada *Deus, o mal e a saudade*⁴.

Refizemos um dos percursos filosóficos de António Braz Teixeira: da filosofia como interrogar fundamental e aporético, para uma afirmação da relação ontológica que se estabelece entre o Ser e os seres, relação ancorada na situação, na circunstância do ser-se português, marcado pelo aqui e agora, na premência da língua como forma de expressar o ser, neste caso plasmado na *saudade*, como uma das matrizes do pensar português, do qual é António Braz Teixeira um dos expoentes máximos, partilhando com o seu mestre José Marinho, bem como com Leonardo Coimbra, ou com os poetas filósofos como Teixeira de Pascoaes ou Fernando Pessoa, ou com o amigo Afonso Botelho, bem como com o mestre inaugural D. Duarte, esta possibilidade de reflexão filosófica que caracteriza o homem português.

⁴ Cf. Idem, *Deus, o mal e a saudade*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1993.

Antropologia Metafísica

António Braz Teixeira não tem um texto sistemático acerca da antropologia filosófica, mas há na sua obra um pensar antropológico omnipresente e que permite uma reflexão. A questão que coloco agora é a seguinte: em que linhagem se inscreve a sua conceção antropológica? E o pensador reclama, para a sua conceção de antropologia, o adjetivo de metafísica. Não era necessário reclamar tal adjetivação, pois toda a sua obra está perpassada por este recorte antropológico-metafísico, matricial. No meu entender, a sua linhagem é, claramente, platónica, e manifesta-se na sua conceção de alma como garante do acesso ao saber e à verdade.

Indubitavelmente, o homem é corpo e alma, integralmente corpo e alma e, nesse sentido, como nos diz: “ Deste modo, há uma essência do homem, uma natureza humana, comum a todos os homens, que lhe é dada, como virtualidade que a cada um cumpre realizar, actualizando as potencialidades ou usando os dons que lhe foram conferidos por Deus ou pela Natureza” (Idem, *Op. cit.*, p. 125). Assim sendo, António Braz Teixeira sente a necessidade de diferenciar o animal do homem, em função da essência de cada um. Corresponde ao animal o “instinto” e as “pulsões naturais”, enquanto o homem, sendo também em parte um ser natural, supera essa dimensão, integrando-a na esfera do espírito, pois pertence à natureza humana, e vou citar: “ser livre e responsável” (Cf. Idem, *Op. cit.*, p. 125).

Na liberdade e na responsabilidade afirma-se o *proprium* do homem, que lhe permite, como menciona: “descobrir a vocação que lhe foi atribuída no plano da criação e projetá-la, realizando-a na sua acção no mundo” (Idem, *Op. cit.*, p. 125). Antropologia metafísica, de recorte neo-platónico cristão, pois a sua essência depende do Criador, de tal modo que possibilita que, filosoficamente, o homem vá descobrindo a sua vocação e a vai concretizando na existência. Encontramo-nos perante a questão do projeto existencial.

Conclusão

Termino esta reflexão, sobre a antropologia de António Braz Teixeira, fazendo uma consideração acerca do seu pensar situado, acentuando que a circunstância é central, de tal modo que marca, não só a sua conceção antropológica, como todo o seu pensar, incluindo aí a sua obra sobre a filosofia portuguesa, brasileira e ibérica, criando laços e pontes. E mesmo para concluir: António Braz Teixeira é, de direito próprio, uma das figuras cimeiras da filosofia portuguesa.

